

DESAFIO



ELLA — E dizer-se que você é de pedra... Helm?

ROYAL - STORE

PELLES E RENARDS

Avisamos á nossa distincta clientella que a nossa officina de concerto de pelles e Renards está montada com todos os machanismos precisos e que se acha sob direcção de pessoa comprovadamente competente.

Avisamos ainda que arcamos com a responsabilidade directa de todo e qualquer concerto effectuado em nossa casa e que absolutamente não temos intermediarios.

Caldeira, Rosa & C.

TELEPHONE N. 6717



RUA DO OUVIDOR, 189

IMP. NA CASA HOEPFNER & CO., LTD. — AV. MEM DE SÁ, 236-240



SYPHILIS? -- LUETYL

Substitue as injeções de 606, 914 e com vantagem o Xarope de Gilbert e a antiga formula de Doret, para o tratamento da Syphilis, adquirida ou hereditaria em todas as manifestações.

— Leiam a bulla —

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

FOOT-BALL

A CASA ESTRELLA communica aos jogadores deste Sport, que recebeu pelo vapor Almanzora, grande sortimento de meias com as cores de todos os Clubs, e camisas para Goal-keeper importadas do afamado fabricante MORLEY'S.



OUVIDOR, 134

INVERNO!!

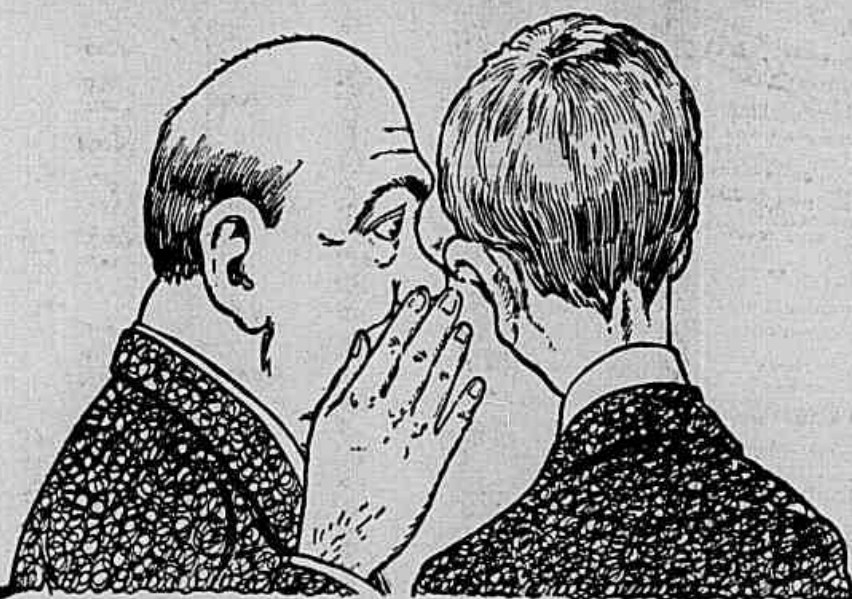
COMPRAE NA CASA DOS SOBRETUDOS

Um bom sobretudo de cheviot de pura lã, todo forrado ordem 7070 . . .	55\$000
Idem, Idem c/ golla de velludo e melhor confecção ordem 7107 . . .	60\$000
Estupendo Sobretudo de cheviot de duas faces, forrado a franceza o/ 8015 .	80\$000
Lindas capas de Gabardine impermeavel, 1/2 lã, estylo Ragan . . .	80\$000
Esplendidos Sobretudos, de cheviots inglezes, c/ cinto e fivella, for. á franceza	110\$000
Grande sortimento de Cheviots inglezes para sobretudos sob medida de confecção de luxo desde 130\$000 á . . .	160\$000
Elegantissimas capas de Gabardine ingleza, de lã impermeavel, estylo Ragan a PARA O INTERIOR sobretudo ou capa mais 5\$000.	170\$000

Nas vendas por atacado para os collegas e pequenos revendedores, fazemos preços especiaes.

ALFAIATARIA SANTOS DUMONT — 192, Rua 7 de Setembro, 192

Contrá o typho AGUA PLATINA



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 — RIO

A. M. A. C. A.

Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

Ajuste de contas



A vida de Marianno Pereira Barbosa corria serena, sem preocupações, sem sustos, sem contrariedades, quando o destino lhe poz no caminho aquella armadilha: uma luta do João Salomão, scelerado destemido, com o barbeiro Felisberto Sampaio, do «Salão Fluminense». Mais forte que o outro, Salomão conseguira desarmar o adversario, passando-lhe a propria navalha, depois, cinco vezes, pelo peito, pela barriga, pelas espaldas, pelo pescoço. Arrolado como testemunha, Marianno fez enorme carga ao criminoso. E de tal forma que este, ao receber a sentença de quatro annos de prisão, se voltou no banco dos réos para o seu principal accusador, ameaçando-o, olhos fuzilantes, a mão aberta no seu rumo:

—Deixa-te estar. Quando eu sahir, tu me pagas!

Annos depois, ia Marianno para o seu emprego no ministerio da Justiça, quando, ao passar o bonde pela praça da Republica, viu parado a um canto da rua, um individuo que não lhe parecia estranho. Attentou melhor e estre-

meceu: era o João Salomão, o aggressor do Felisberto. Ao dar com os olhos no passageiro, Salomão reconheceu-o tambem, e, cara fechada, mordendo o beijo, avançou para o bonde. O vehiculo já ia, porém, em marcha accelerada, devendo o pacifico funcionario ministerial a essa circumstancia não ter, desde logo, ajustado contas com o valentão.

Ao fim de dois dias, novo encontro. Caminhava Marianno pela avenida Passos, quando viu, quasi desembocando da rua General Camara, o brutamontes que o seu testemunho ha-

via levado á prisão. Ao divisál-o, Salomão accelerou o passo. Tal foi, porém, o pavor que se apossou do pobre rapaz, que, quando o valentão chegou á esquina, já havia elle dobrado, meio kilometro adiante, a rua da Constituição.

A partir desse dia não teve mais o honrado burocrata um só momento de socego. A cada canto de rua levava a mão ao peito, palido, o coração aos pulos, vendo em cada individuo corpulento o fantasma do ferrabraz. E era tremulo, nervoso,

GEOGRAPHIA SAGRADA



— Maria, você já lavou os santos do oratorio?

— Já, sim, senhora; esta é a "bacia" do São Francisco...

Acaba de apparecer:

Gansos do Capitolio

4.º VOLUME DE CHRONICAS HUMORISTICAS

DO

CONSELHEIRO X. X.

Relativo ao anno de 1921

Brochado. 5\$000

Encadernado. 6\$500

VOLUMES ANTERIORES

do mesmo autor:

I — VALLE DE JOSAPHAT	br. 5\$	enc. 6\$500
II -- TONEL DE DIOGENES	“ 5\$	“ 6\$500
III — A SERPENTE DE BRONZE	“ 5\$	“ 6\$500

PEDIDOS

À

GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL

Telephones: Central 250 e 386

A GATUNA

Educada em um dos collegios mais reputados da cidade, Dona Geny levava para o seu

lar, honestamente constituido, o riquissimo thesouro do seu pudor. Poucas moças, das mais pudibundas, seriam tão recatadas. E de tal maneira que o marido, ás vezes, protestava :

— Deixa-te de asneira, filhinha. Tu não és mais uma creança : és uma senhora casada, a qual não pode ignorar cer-

tos factos, certas palavras, certos segredos da vida matrimonial.

A moça ficava, porém, toda vermelha, e contestava. Era aquelle o seu feitiço, o seu genio, a sua educação. As outras podiam fazer o que entendessem e dizer o que bem quizessem; ella, não: seria sempre assim: pun-donorosa, mesmo com elle.

— Faças tu o que fizeres — accentuava, — nunca me atreverei a mudar de roupa em tua presença, nem me deitar a teu lado, com a lampada accesa.

E assegurava :

— Eu morreria de vergonha !

Conhecendo o character da esposa, o Dr. Eduardo ficou, naturalmente, espantado com o que lhe acontecera. Estava elle dormindo ao lado da mulher, no mesmo leito, quando, de repente, sentiu que a mão desta, ao contrario do habitual, lhe procurava o busto, descendo, em seguida, vagarosa, pelo braço, até á sua mão. Attento, o rapaz acompanhava a marcha dos dedos da esposa, quando notou, de subito, que estes se apossavam do seu dedo annular, que se puzera a torcer, com força.

— E' curioso ! — exclamou, de si, consigo, o rapaz. — E' a primeira vez que ella toma essa liberdade commigo. Com certeza, é sonho...

Ao seu lado, embrulhadinha até o pescoço, Dona Geny resomnava, doce. Resomnava, e

sorria, olhos fechados, ao mesmo tempo que torcia, com força, o dedo do marido. O seu vulto pequenino, gracioso, de uma plastica irreprehensivel, desenhava-se atravez do lençol, numa exhibição honesta das formas provocantes.

— Esta, agora ! — exclamou o dr. Eduardo, olhando a furia com que a rapariga lhe torcia o dedo.

E chamou :

— Nini ? Nini?... O' Nini ? Accorda !

Sacodida com violencia, a rapariga recolheu o braço, e despertou :

— Que é, heim?... Que é?... Que é que eu estava fazendo ?

— Nada, — informou o marido. — Tu estavas sonhando... Não ?

— E' verdade, — confessou a moça. — E que sonho feio !

E sem que o marido pedisse :

— Imagina tu que eu sonhei que era uma gatuna, pertencente a uma quadrilha, como essas do cinema. O chefe dos bandidos, que era não sei quem, mandou que eu fosse fazer um roubo, e eu fui. Cheguei no logar designado, examinei o cofre forte, e tentei abri-lo. Primeiro, torci, torci, torci, durante muito tempo o disco dos signaes, procurando o segredo. Como não conseguisse nada, tentei arrombal-o, torcendo com toda a força aquelle ferro que corresponde ao fecho. E estava cansada desse trabalho, quando tu me chamaste, e eu acordei.

E num arrepio :

— Que horror, meu Deus !

Ante essa narração, o Dr. Eduardo começou a rir, devagarinho.

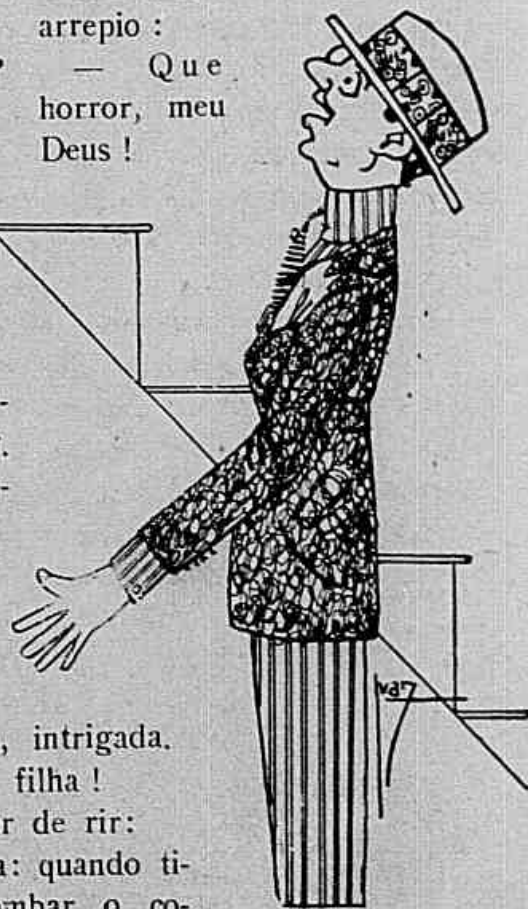
— De que é que estás rindo? — indagou a moça, intrigada.

— De nada, filha !

E sem deixar de rir:

— Mas, olha: quando tiveres de arrombar o cofre, torce o fecho mais de vagar... Sim ?

Crebillon



O BARBADÃO



Um dos maiores orgulhos do Antonio Vianna de Meirelles era aquella barba negra, cerrada, que elle trazia inteira, como o dr. Abreu Fialho, o dr. Estellita Lins ou o dr. Arrojado Lisboa. No ministerio, onde era 2º escriptuario, puzeram-lhe o appellido de Frei Antonio. Elle achava, porém, que aquella moldura lhe ficava bem ao carão moreno, de olhos pardos e nariz aquilino, e attribuia tudo aquillo á misera inveja dos rapazolas imberbes.

O que contrariava o Meirelles era, entretanto, a solidiedade da esposa, a graciosa Dona Marina, com aquelles pelintras da Secretaria. Não que a jovem senhora lh'o dissesse, zombando d'elle; mas pela indiferença com que o abraçava, e, sobretudo, pela repugnancia com que afastava o rosto claro toda a vez que elle se approximava para beijal-a.

Magoado com semelhante ogerisa, resolveu o Vianna

de Meirelles fazer, um dia, uma surpresa a Dona Marina: foi a um barbeiro, raspou a cara, e, leve, o rosto fresco, tocou-se para casa, antegosando o praser que ia dar, naquella tarde, á sua mulhersinha.

Ao bater á porta, a moça correu a abrir, saltando-lhe ao pescoço, em beijos famintos, gulosos, desesperados.

— Está satisfeita, minha filhinha, por ver-me assim... Não é? — gemeu o rapaz, commovido de gratidão.

A essas palavras os beijos cessaram como por encanto. Pallida, olhos arregalados, Dona Marina recuou dois passos.

— Antonio, és tu? — gritou, horrorizada.

E olhando-o, estupidificada, limpando a bocca num horrivel desapontamento:

— Eu nem te reconheci!...

Tenente Matheus



agitado, que exclamou, ao entrar em casa:

— Não, isto não póde continuar! Isto tem que ser liquidado, de uma vez!

— Acaba logo com isso, Marianno! — observou-lhe a esposa, Dona Rittinha, incomodada com aquella situação. — Compra um revolver, e dá-lhe uma lição. Isto não é vida. Depois, tu não tens culpa: é elle que anda te perseguindo.

Bom marido, obediente ás razões da mulher, Marianno comprou a arma. Era um «Smith and Wesson» de bom calibre, cabo de madreperola, adquirido a prestações por quatrocentos e setenta mil reis. Como preço, era caro; tratando-se, porém, da sua tranquillidade, do exterminio d'aquelle horrivel pesadello, o rapaz não olhara despeza. A paz da sua vida valia incomparavelmente mais.

Dois dias após a aquisição do revolver, estava Dona Rittinha no interior da casa quando parou ao portão um automovel. Correu a abrir, e recuou: era o Marianno que

chegava, sem chapéo, rosto vermelho, cabello alvoroçado, paletot em frangalhos, camisa sem botões, collarinho para um lado, gravata para outro.

— Que é isso, Marianno? Que foi, meu Deus?... — exclamou a pobre senhora, afflicta, torcendo as mãos.

Marianno quasi não podia falar. Fez, porém, um esforço, e informou, cortando as palavras.

— Está tudo... liquidado!... Estamos... quietes!...

— Mataste-o?... — gritou a desgraçada, recuando, os olhos fóra das orbitas.

— Não! — informou o marido, anciado. E abanando-se com a mão, sem fôlego:

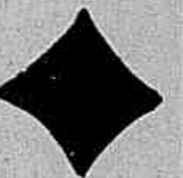
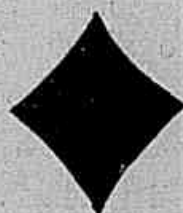
— Já apanhei...

X. X.



FIGURAS NACIONALES

10



SENADOR A. AZEREDO

(O "as" da Politica surprehendido na occasião em que "chorava" um collega)

OS CONTOS DO ALMIRANTE

O Amor, visinho da Morte

Era, talvez, uma questão de temperamento. Desde rapazola, fôra o Benigno um indifferente, em materia de amôr. Passava pelas mulheres sem volver, jamais, os olhos. Uma vez, apenas, voltou-se na rua: foi quando uma senhorita de olhos negros, de passagem, engançou a renda do vestido no botão do seu paletot, obrigando-o a fazer um rodopio, segurando o chapéo.

Essa maneira de encarar o mundo não impediu, entretanto, que o Benigno se casasse. Casou-se, com a tranquillidade, a serenidade, a indifferença de quem realiza uma transacção commercial. Casou-se por conveniencia de familia, a pedido do pae. Nenhum homem foi, entretanto, mais digno do seu nome, em relação á esposa: era benigno em tudo: nunca encommodou a mulher.

Enriquecido com o dinheiro do sogro, partiu o rapaz, com a sua companheira, a distrahir-se um pouco, em viagem pelo interior do paiz. São Paulo, Santos, Ribeirão Preto, Campinas, em toda a parte demoraram-se um pouco. E ao fim de dois mezes, estavam em um hotel de Caxambú, onde o casal pretendia fazer uma estação de aguas medicinaes.

A installação fôra um pouco difficil. Chegados á noite, havia o gerente arranjado para ambos um quarto com uma cama unica, promettendo, no entanto, para o outro dia, em vez de um leito de casal, dois, de solteiro.

A's dez e meia, fatigados como estavam, recolheram-se, deitaram-se, e dormiram. A's tres da manhã, Benigno acordou. A madrugada estava fria, doce, voluptuosa. Fôra, no jardim, insectos tri-

lavam, chamando-se. Uma brisa fresca, suave, preguiçosa, embalava a folhagem, annunciando a manhã. Benigno despertou, feliz, e prestava attenção aos rumores de fôra, quando ouviu um gemido brando, longo, demorado, que vinha do quarto visinho. Arregalou o ouvido, attentando melhor. Outro gemido veio, mais doce, e, em seguida, um suspiro triste, profundo, repousado.

— E' algum casal que se ama...
— exclamou, de si, consigo, o rapaz.

Aquelles sons, de tonalidade tão doce, acordaram-lhe os sentimentos que elle desconhecia. Sentia inveja do visinho. Um dezejo doído, intenso de beijar a mulher, veio-lhe, de repente, á bocca. E quando no quarto annexo se perdeu o ultimo gemido, seguido de outro suspiro, Benigno tinha os labios nos labios da sua mulherzinha, que soltava, por sua vez, na vida, o seu primeiro suspiro de felicidade...

Ao amanhecer, bateram á porta do quarto. Com a toilette feita, Benigno ordenou:

— Entre !

Entrou a criada, trazendo o café.

— Que noite horrivel devia a senhora ter passado... Não ? — começou a rapariga, procurando entabolar conversa com madame.

E como esta a olhasse, sem comprehender:

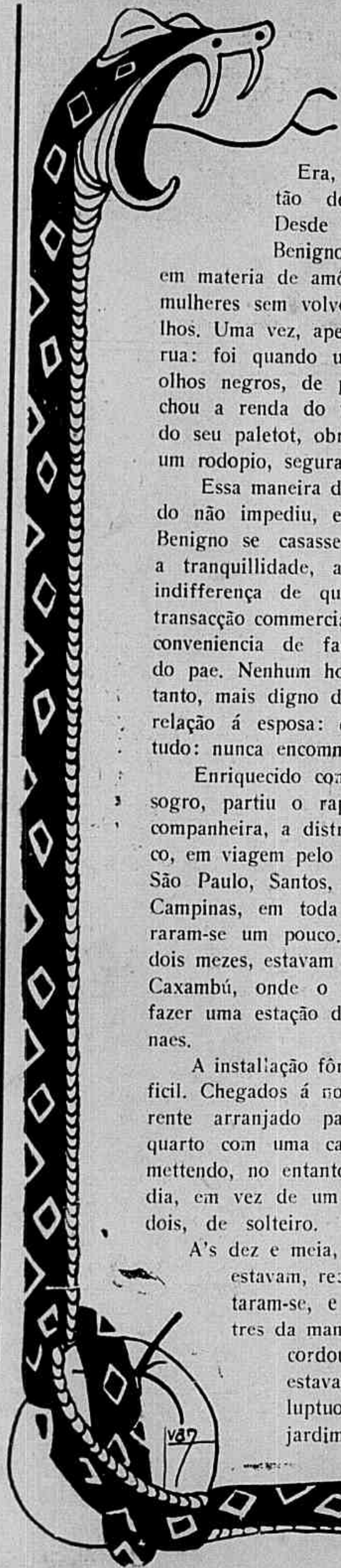
— A senhora não ouviu ?

— O que ?

E a creada, com horror :

— Morreu, esta madrugada, aqui junto, o visinho da senhora. Gemia, coitadinho, que fazia pena... Soltou o ultimo suspiro ás trez e meia da manhã...

Almirante Justino Ribas





Galho DE URTIGA

Capricho feminino

Aquella senhorita de signalzinho no labio superior sympathisara, realmente com aquelle formoso rapagão, typo verdadeiramente apollíneo. Aquella belleza masculina era uma tentação para os seus olhos. Certo dia, porém, virou o rosto, quando elle passou.

— Por que isso, menina? — indagou a mãe da moça, espantada. — Elle é feio?

— Não, senhora; é até bonito; bonitissimo.

— Tem algum defeito?

— Não, senhora.

— Por que, então, não o queres mais?

A moça teve um sorriso amarello, e confessou:

— E' o nome, mamãe. A senhora acha, então, que eu me conformaria em ser chamada, por toda a vida, Madame... Pardellas?

E nunca mais olhou o rapagão.

Confusão

A' rua Rodrigo Silva, entre Assembléa e Sete de Setembro, ha uma casa que vende aves, gatos e cães. Uma destas tardes parou, alli, um automovel de luxo, do qual saltou uma linda senhora de olhos de ouro, conhecidissima pela sua elegancia e, sobretudo, pelas suas «toilettes». Apeou-se, mergulhou a mão no automovel, sobraçou uma cadellinha

deu. — Eu nada posso fazer. Esse homem... é meu credor.

— Vendeste, então, a tua mulher?

— Vendi!

E como o velho o encarasse, os olhos fuzilantes de colera:

— Vendi por cinco contos, para saldar uma divida de honra, contrahida no club.

— Uma divida de jogo? — interrompeu o sogro.

E ante a confirmação do estudante:

— Bom, assim, explica-se.

E entre grave e sereno:

— As dividas de jogo, meu rapaz, são sagradas...

felpuda, e entrou.

— Que deseja, minha senhora? — attendeu o dono da casa.

— Eu quero... pôr este cachorro no «prego»! — informou madame.

— E' cachorro ou cachorra?

— Cadella, — emendou a moça.

O proprietario sorriu:

— Impos-ível, minha senhora.

E numa curvatura, excusando-se:

— Os nossos cães, aqui, são todos... muito sérios!

Cumprindo a promessa

O jovem tenente aviador, que recebeu tantos abraços do seu collega Saccadu-a, appareceu uma destas tardes no Alvear, trazendo no bolço aquellas lunetas enormes, que são usadas nos grandes vôos.

— Vaes voar hoje? — indagou um companheiro, tenente tambem.

— Não, hoje, não — informou o «as».

— E para que esses olhos?

O aviador sorriu.

— Para nada, — informou.

E esclareceu, confidencial:

— E' que eu vou, hoje, a uma entrevista, e quero cumprir uma promessa que fiz em casa, a madame.

—?...?

— Eu prometti que nunca poria os olhos numa mulher!...

Ternuras conjugaes

O marido despede-se para uma viagem de pouca demora.

— Has de escrever-me muito a miudo, sim, meu querido?

— Escrevo, fica descansada.

— Quero uma carta todas as noites. Promettes?

— Prometto. Todas as noites terás carta.

— Então, não te es queças, toma cuidado...

E concluiu, abraçando-o:

— Bem sabes que eu preciso lêr sempre alguma coisa para poder dormir.

Bico de Braza

Benoliel Ramos





As dividas de jogo



Foi no antigo Palace-Club que o dr. Godofredo de Magalhães travára relações com aquella rapazola de vinte e dois annos, que então cursava o terceiro de medicina. Visinhos de todas as noites á mesa do «poker», onde se revezavam na sorte e no infortunio, acabaram, os dois, tornando-se amigos, a ponto de, certa madrugada, o advogado convidar o estudante :

— Quer, amanhã, ir jantar commigo?

— Da melhor vontade, — acquiesceu o rapaz. — A que horas?

— A's sete, em ponto.

Godofredo de Magalhães andava, então, pela casa dos cincoenta. Era casado, e, tinha filhas, uma das quaes de desesete annos, considerada, sem discrepância, a moça mais bonita do bairro. Chamava-se Rosina, e, não obstante o vida que levava o pae, mostrava-se recatada, sensata, e, mesmo, sem namorado conhecido.

A presença de Arthur Gonzaga no lar do advogado, deu ensejo a uma explosão natural: o estudante ficou encantado com a doçura da moça, a qual, por seu turno, ignorando a profissão d' aquelle amigo do pae, deixou que se accendesse, por elle, no seu coração desprevenido, a fogueira crepitante de uma grande affeição.

Ao fim de dois mezes de conhecimento, o estudante abordou o companheiro de baralho :

— Doutor, — começou — o senhor não ignora que eu tenho por sua filha mais velha, Dona Rosina, uma paixão muito sincera.

— Você? — estranhou o velho, parando, de subito, no silencio da rua deserta. — Você está doido?

E encarando o rapaz, firme :

— Você pensa, então, que eu vou crear filha para casar com jogador?

Apesar da cara do advogado, Arthur Gonzaga sorriu, e, tomando-o pelo braço,

continuou a andar. E tinha razão para sorrir; por que, passado um mez, foi o velho, mesmo, quem o abordou :

— Então, quer casar mesmo com a menina?

— E' o maior dezejo da minha vida!

— confirmou o estudante.

E seis mezes depois, estavam casados, perante Deus e perante os homens, o academico de medicina Arthur Gonzaga e mlle. Rosina Cardoso de Magalhães.

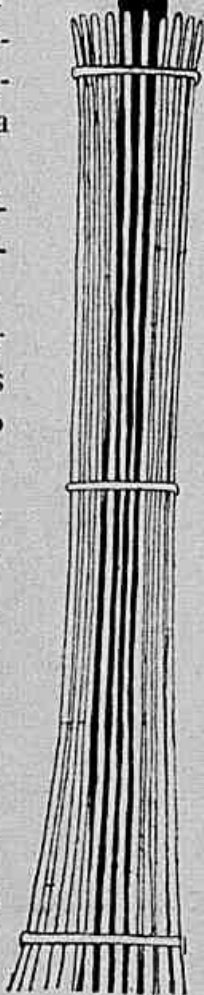
Ao contrario do que ás vezes acontece, o casamento não mudou em nada os habitos do estudante. As noites, passava-as elle fóra de casa. E como a casa não pudesse ficar sem alguem que della tomasse conta, foi se chegando para ella o soberbo capitalista Antunes da Cunha, conhecido em toda a cidade pelo numero de victimas da sua concupiscencia. Arguto, o Gonzaga via tudo; o Antunes era, porém, uma grande mina a explorar, e foi com verdadeira furia que o estudante se atirou a ella, num dia em que precisou de alguns contos de reis para lançar á fogueira insaciavel do vicio.

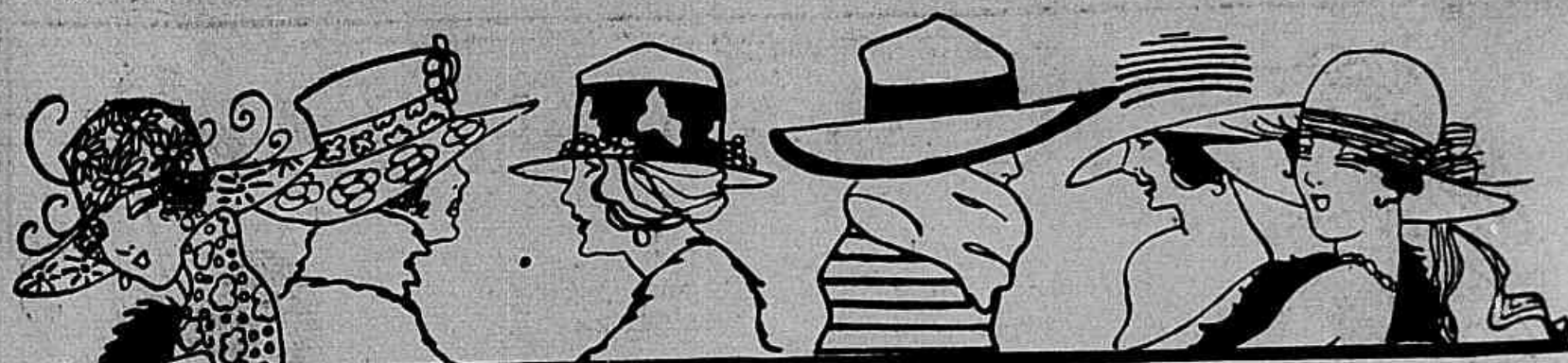
O resultado foi, como era natural, um escandalo. O Antunes da Cunha julgou-se com direito a D. Rosina e passava lá a maior parte do tempo. De bocca em bocca, a noticia chegou aos ouvidos do dr. Godofredo, que correu a procurar o genro :

— Então, que é isso? Você sabe que um bandido profana a sua casa, o seu nome, o seu lar, e não tem coragem de pô-lo na rua, com um pontapé?

Gonzaga baixou os olhos, humilhado.

— E' impossivel, doutor, — respon-





A PEROLA

A noticia de que os ladrões tinham roubado o carissimo collar de uma supposta baroneza estrangeira hospedada no Grande Hotel havia alarmado mme. Torres de Mesquita. Ella possuia, tambem, um collar de grande custo, de perolas verdadeiras, presente de anniversario do pae, o commendador Antunes de Moura, e como o exhibisse nas festas em que ia, nos salões que frequentava, nos passeios que emprehndia, temia, agora, um assalto, e o desaparecimento lamentavel d'aquella joia.

As perolas eram, realmente, lindissimas. Um joalheiro que as teve em mão, avaliou-as em duzentos e quarenta contos. Era, pois, um perigo andar com ellas, na rua, mesmo de automovel; e foi por isso que um amigo do dr. Mesquita, o sr. senador Tobias Monteiro, aconselhou, um dia, ao illustre criminalista:

— E' preciso cuidado com o collar de Dona Lulu. Elle dá muito na vista, e, um dia, vocês podem ser victimas de um furto audacioso, com um prejuizo irremediavel.

— Minha mulher deve abster-se, então, de andar com joias na rua?

— Não. — tornou o dr. Tobias. — Mas você póde fazer como toda a gente faz, na Europa: manda fazer um collar falso, em tudo igual ao verdadeiro, guardando este, em casa, ou na caixa-forte, pondo-o a salvo de todo perigo.

O dr. Mesquita achou feliz a idéa, encomendou o collar falso, guardou o verdadeiro, sem prejudicar a elegancia da esposa, que continuou a exhibir, da mesma forma, nos lugares em que ia, aquelle seu lindo collo cercado de perolas.

Madame Torres de Mesquita era, ha doze annos, uma das senhoras mais formosas da cidade. Clara, embora um pouco pallida, possuia cabellos negros, ondeados, e, na bocca vermelha, uma fieira de dentes mais lindos que as suas perolas. Além dessa fortuna, possuia ainda o collar da sua virtude, a qual lhe assegurava uma reputação honrosa, de fortaleza inexpugnável.

Ausente do Brasil durante alguns annos, o senador Tobias Monteiro não teve noticias, mais, do casal Torres de Mesquita. Quando regressou, não conteve, porém, o seu espanto, ao vêr, na rua, em um automovel, o dr. Mesquita, a cujo lado viajava, sorridente, uma senhora que não era, absolutamente, a sua esposa legitima.

Aquelle encontro foi, para o futuro representante do Rio Grande do Norte, motivo de graves cogitações. Dona Lulú teria morrido? O Torres teria se divorciado? Como explicar, então, aquelle desembaraço com que elle andava na rua ao lado de outra senhora?

O melhor vehiculo para tomar conhecimento da verdade era, mesmo, o Mesquita. E foi a elle que, com a liberdade dos velhos tempos, se dirigiu, perguntando, sincero:

— E Dona Lulú, como está?

— Lulú está bem. Esteve ligeiramente doente, mas, agora, anda de perfeita saúde.

— Ella não sae mais a passeio?

— insistiu o senador Tobias, procurando encaminhar a conversa no sentido dezejado.

— Sae, sim; mas, uma vez por outra. Appliquei á familia aquelle conselho que você me deu em relação ao collar.

O dr. Tobias arregalou os olhos, numa interrogação muda. E elle:

— Você não se lembra do caso do collar? Pois, bem: a Lulú era, para mim, uma perola verdadeira: bôa, pura, sincera, delicada. Apavorado com a idéa de perdê-la, tranquei-a em casa, para os dias solemnes. E para o commum, para o diario, para os passeios, arranjei outra, parecida com ella.

— Parecida com ella? — interrompeu o senador rio grandense.

— Parecida, sim.

E á orelha do amigo, para ninguém ouvir:

— Mas... falsa!

Muley-Hamed



NA FEIRA



— Olha a ma... ma... ma... çã !

— O senhor é gago ?

— Nem... nem... nem Ga... Ga... go... nem Sa... ca... ca... ca... dura !



A lição

Educada nos Estados Unidos, onde o pae fôra consul durante alguns annos, Bellinha Medeiros trouxera para o Brasil a independencia, a energia, o desapego da vaidade, o feitiço moral, em summa, das moças americanas. Os exercicios phisicos não lhe haviam dado, é certo, a corpulencia, a robustez, o talhe forte das mulheres saxonias; era, porém, bem feita de formas, harmoniosa de corpo, na delicadeza do seu porte de brasileira legitima, e de perfeita representante da raça.

A vida na America do Norte imprimira-lhe, antes de tudo, o amor da simplicidade. Penteava o cabello castanho e liso para traz, odiava os vestidos complicados, tinha horror aos chapéus de muito enfeite, e não menos, aos sapatos de grande salto. Gostava da sua «toilette» de linho branco, muito limpa, muito correcta, muito simples. Adorava os chapéus de palha da Italia, largos, sem atavios. E era assim que percorria a cidade, de Copacabana á Conde de Bomfim, distribuindo o seu sorriso sadio e jovem e, com os sorrisos, as suas lições de inglez pratico.

Á principio, acceitara para discipulos apenas senhoritas, moças de familia ou meninos, até doze annos. O numero não era, porém, grande, nem compensadora a retribuição. E foi pensando nisso que Bellinha deliberou acceitar no seu curso, também, alguns rapazes, exigindo, apenas, que estes lhe fossem á casa, receber as lições.

Deste numero foi, logo, o Bernardo Soeiro, estudante de medicina e pessoa de costumes os mais recommendaveis. Com vinte e seis apenas, isto é, dois annos mais moço que a professora, a sua grande ambição era uma viagem á Inglaterra.

E como Bellinha fôsse bonita, e elle não fosse feio, resolveu matricular-se no curso masculino que a rapariga instituia na residencia do pae, e que principiava a ter uma concorrencia verdadeiramente espantosa.

Certo dia, ao chegar á aula, notara Soeiro que, não obstante a sua pressa em ser o primeiro, já lá estava, a um canto do salão quasi escuro, o tenente Belford, official de gabinete do então ministro da Guerra. Olhando sem ser visto, o rapaz presenciára tudo: vira quando o militar se ajoelhara, enamorado, aos pés da professora; vira a paixão com que ella, sentada, lhe mergulhou os dedos nos cabellos revoltos; e vira a precipitação com que ambos se haviam levantado, ao ouvirem passos de alguém, no jardim.

Testemunha de tudo, Bernardo Soeiro resolvera tirar, discreto, qualquer proveito da situação. E assim foi que, no dia seguinte, em vez de ir á aula ás oito da noite, compareceu, logo, ás seis e meia alarmando a moça com aquella antecipa-ção.

— Já? — indagou Bellinha, rindo.

— Já, sim, senhora... — respondeu o discipulo, galhofando.—Eu vim mais cedo por que sou tão estudioso como o tenente Belford.

— E já sabe a lição? — pergunta a mestra.

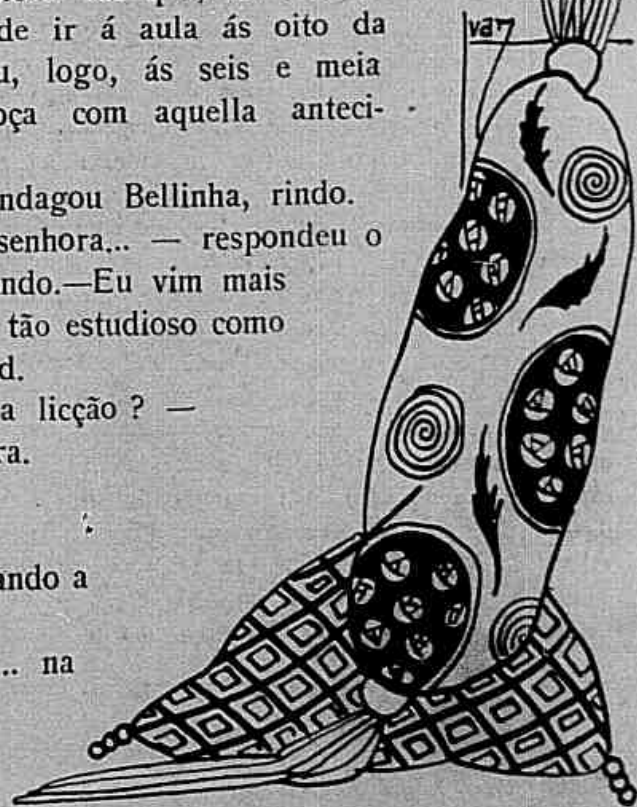
Soeiro riu:

— Eu?

E brejeiro, indicando a bocca:

— Tenho-a toda... na ponta da lingua!

Batu Allah



ANTONIO AZEREDO



no meio d'elles.

Procedente de Matto-Grosso, onde nasceu, e passou a infancia a apanhar passarinhos na arapuca, Antonio Azeredo chegou ao Rio com a idéa de entrar para o commercio. O anno de 1875 foi, porém, de crise nas praças brasileiras. Casas importadoras, as mais fortes, abriram fallencia, despedindo os empregados. E estava o rapazola matto-grossense em vespas de regressar á provincia natal, quando um official do Exercito, que havia estado em Corumbá, lhe arranhou, em 1878, um lugar de caixeiro na loja de chapéus de Mm. Decap, considerada, então, a mais importante da rua do Ouvidor.

A freguezia do estabelecimento era por esse tempo, a mais chic. Senhoras, as mais distinctas da alta sociedade da Corte, iam alli completar a «toilette». E foi nesse ambiente superior, de gente escolhida, que o futuro politico republicano adquiriu o conhecimento da lingua franceza e, em particular, o seu habito, tão parisiense, de tratar as senhoras.

Em 1879, sobreveio para a praça do Rio uma nova crise monetaria. As casas de modas, principalmente, ficaram desertas de freguezes. Condemnado a apanhar moscas no balcão de mme. Decap, comprou o moço matto-grossense um baralho, e poz-se a jogar, sosinho, a manilha, o burro, o «defunto», o sete-e-meio, o solo, e outros jogos afamados na epoca. Surprehendido pela dona da loja, foi reprehendido. Retrucou. Foi suspenso do emprego. E como teimasse, foi despedido, retirando um saldo de seiscentos e vinte e sete mil reis, apesar de ter o ordenado de cinquenta mil reis mensaes e de não ter estado na casa apenas cinco mezes e quatro dias.

A facilidade com que ganhava no jogo fel-o comprehender que a sua vocação era, todá, para a politica.

E como o melhor meio de chegar á politica fosse, já, a imprensa, fez-se Antonio Azeredo reporter de uma folha conservadora que então se publicava no Rio, e que se tornou de facto, uma ponte, pela qual passou do jornal para a politica sem fazer mal a terceiros.

A Republica, ao ser proclamada, encontrou o jovem matto-grossense fazendo, ao mesmo tempo, jornalismo e politica. Marceiro, habil, gentil, conhecia o fraco dos proceres republicanos e, por elles, a marcha dos acontecimentos. Delle, dizia Deodoro:

— Aquelle vae longe. Baralha tudo em que se mette, mas ganha sempre.

Ruy Barbosa, que o metheu na politica do novo regimen, não se enganou, jamais, com o seu auxiliar da redacção da «A Imprensa». «Este meu recommendado — escrevia elle a Aristides Lobo — ha de prestar excellentes serviços á nossa causa. E' macaco para todos os galhos da arvore republicana e, consequentemente, um elemento indispensavel no momento». Era d'elle ainda que Pinheiro Machado diria mais tarde:

— O Azeredo é o umbuzeiro da politica. Onde elle estiver, ha agua por perto.

Ao lado do homem publico, habilissimo na defeza e generoso no ataque, tem prosperado, em Antonio Azeredo, o homem de sociedade. Cavalheiroso e cavalheiresco, é estimadissimo pelas senhoras. O seu gabinete, no Senado, é mais um «boudoir» do que uma sala de presidente. Cada dia chegam-lhe almofadas novas, pannos de renda, toalhas de linho, bordadas pelas mãos mais delicadas de Botafogo.

A sua vida mundana é, por isso mesmo, das mais accidentadas. Os episodios que a illustram são numerosos. Entre elles avulta, porém, aquelle caso piccresco, contado com tanto chiste pelo conselheiro Nuno de Andrade.

Ha annos, estabeleceu-se no Rio, com linda casa á rua Paysandú, uma artista russa de certa nomeada, cujo nome anda, ainda, em todas as boccas. Encantado com a graça moscovita da formosa mulher de theatro, arranhou o nosso sympathico homem publico que ella o convidasse para um chá, que se devia realisar na intimidade. O senador Azeredo foi. A' mesa, arrancou do bolso um envelope com duas cedulas de quinhentos, e entregou á rapariga. Pouco depois, porém, procurou approximar a cadeira. A artista afastou-se. Tentou de novo. A actriz repetiu o recuo. Irritado com aquillo, o «gentleman» perdeu as estribeiras, e indagou, referindo-se ao conto de reis:

— Isso, então, não dá direito a nada?

— Dá, sim, senador. Dá direito ao chá. Este é para «chá»... — insistiu, rindo, a rapariga.

E num gesto cosmopolita dos dedos, esfregando o indicador no pollegar:

— Falta, agora, para a «Plinska»...

Para os jornaes da opposição, o senador Azeredo é, antes de tudo, um jogador de «poker». Elle proprio confessou, aliás, que gostava desse passa-tempo, escandalizando, numa confissão sincera, os phariseus do Senado. O seu discurso começava assim:

— «Srs. senadores, na minha vida intima, emprego o meu tempo como bem entendido, jogando muitas vezes o «poker» ou o «bridge», de que gosto muito».

— «Desde que é a leite de pato, não ha mal renhum», — aparteou Francisco Glycerio.

E o orador:

— «Não, senhor; é a di-

(Cont. na pag. 21)



ALCOVA DOS POETAS

MATERNIDADE

"O Senhor disse á mulher: Porque fizeste isto? Eu multiplicarei os teus trabalhos!"

(Gen. Cap. III.)

Ventre martyr, a rutila visita
Do amor fecundo te arrancou do somno:
E irradias, lampejas como um throno
De animado marfim que á luz palpita!

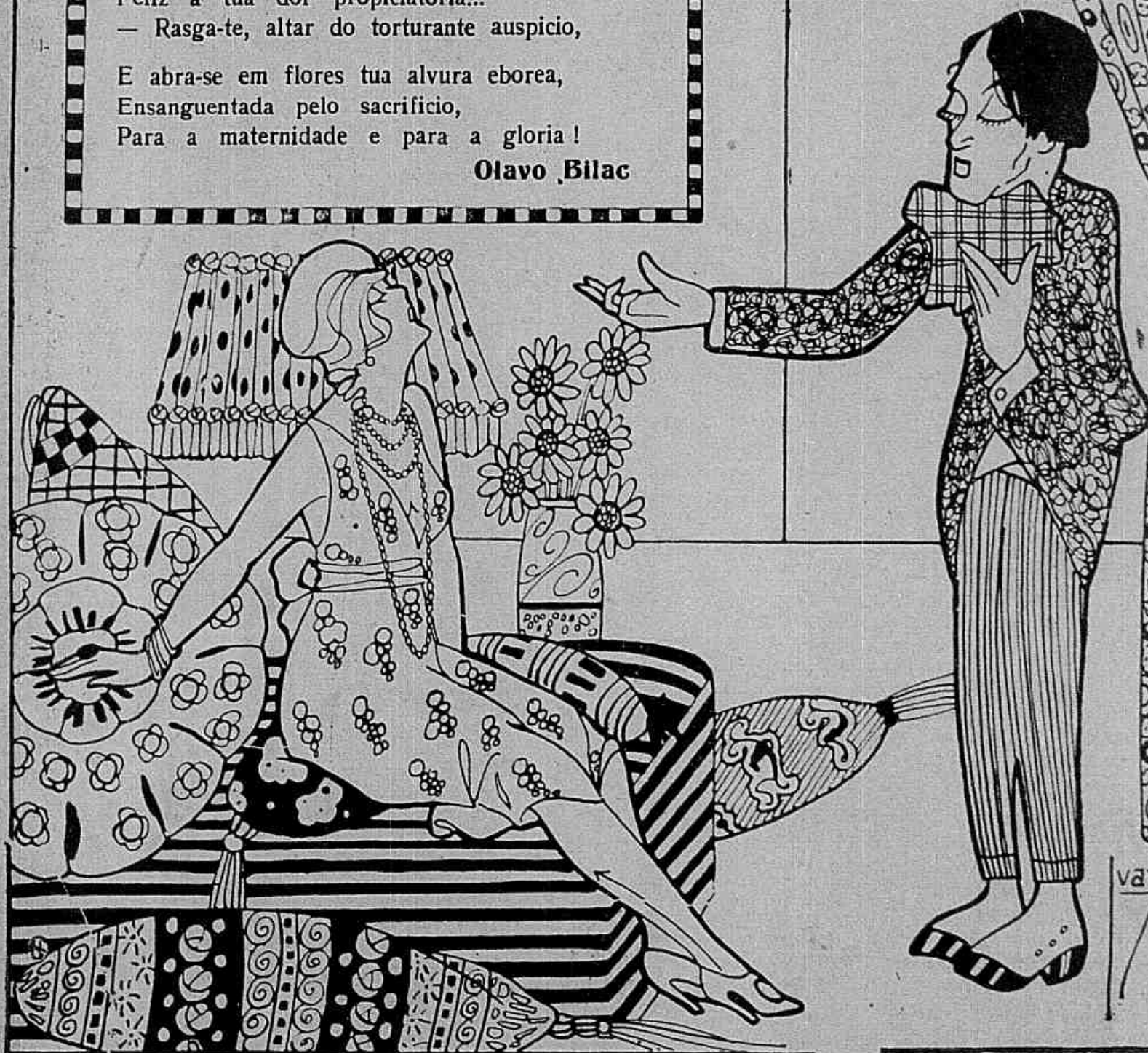
Ergues-te, em esto de orgulhoso entono:
Fere-te emfim a maldição bemdita!
Tens o viço da Terra, quando a agita,
Rico de orvalhos e de sões, o outomno.

Augusto, em gozo eterno, o teu supplicio...
Feliz a tua dor propiciatoria...

— Rasga-te, altar do torturante auspicio,

E abra-se em flores tua alvura eborea,
Ensanguentada pelo sacrificio,
Para a maternidade e para a gloria!

Olavo Bilac



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.

Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

O PAR DE BOTAS



Filha unica de
um homem de
fortuna, a Ju-
ventina apresen-

tava, na educação, o defeito das meninas que nascem ricas: era voluntariosa, teimosa, autoritaria. E' verdade que Dona Angela, com o seu coração profundamente feminino, em nada havia contribuido para isso. De origem modesta, educada inicialmente na escola do trabalho e do sofrimento, a illustre senhora não se cansava de aconselhar:

— Minha filha, sê obediente, meiga, discreta. Com o genio que tens, não serás, nunca, feliz...

Quem perdia a menina era o pae. Adorando a filha, fazia o que ella dezechava e não admittia,

absolutamente, que alguém a contrariasse.

— E' uma creança, — dizia. — Depois, ella endireita...

Juventina não era, entretanto, uma creança. Andava pelos dezoito annos, e mostrava ter vinte. Era alta, forte, clara, cabellos muito negros, e olhos da côr dos cabellos. Tinha maneiras infantis, mas, quando não ria, nem se punha em movimento, parecia mais uma senhora austera do que, propriamente, uma garôta.

Após a festa do decimo oitavo anniversario da filha, a qual se realisou em Petropolis, no palacete de verão do velho capitalista, notou Dona Angela 'que a filha começava a tomar gosto pela palestra dos homens. Dois rapazes, principalmente, lhe prendiam a attenção: o Alfredo Borges, estudante de engenharia, filho do almirante Peixoto Borges, e o Arthur Tavares Monteiro, medico recentemente diplomado, com exercicio na Assistencia Municipal.

Seria difficil dizer qual dos dois falava mais de perto ao coração da rapariga. O futuro engenheiro procedia, é certo, de familia mais illustre, e entrava no mundo em melhores condições de fortuna. O medico era, porém, insinuante, mais forte, mais bonito, impressionando mais á sua vaidade de mulher futil, dessas que dezecham ter um marido menos para si do que, propriamente, para metter inveja ás outras.

Quanto aos rapazes, não seria facil dizer, egualmente, qual, dos dois, mais a queria. Com as manhãs e as tardes livres, o estudante não perdia «footing» no Flamengo, onde sabia encontrar, infallivelmente, á tarde, a filha do capitalista. Menos feliz em materia de occupaões, o medico fazia, por sua vez, o que lhe era possivel para vel-a. E de tal modo que, se sahia a ver um caso urgente na praça da Bandeira, só chegava ao lugar do desastre depois de haver passado, com a ambulancia bim-

balhando, em disparada, pela rua Paysandú, onde morava a pequena. Mais de uma pessoa havia sê transferido desta vida para a outra, na via publica, unicamente pela demora de soccorros, visto que o dr. Monteiro tinha de fazer escala, ainda, pela porta da namorada.

Foi por esse tempo, e devido á attitudo da filha em relação aos dois pretendentes, que Dona Angela chamou a attenção da menina:

— Minha filha, isso não pôde continuar! E' preciso que te resolves, por um, ou por outro. O que não te fica bem é essa leviandade, dando esperanças ao Alfredo e ao dr. Monteiro, ao mesmo tempo.

— Ora, mamãe; ainda não é tempo! — retrucava Juventina. — Eu preciso vêr, primeiro, qual me serve.

E como Dona Angela a olhasse, triste:

— Diga-me uma cousa, mamãe: quando a senhora vae comprar um par de botinas, que só lhe dura tres mezes, não experimenta, primeiro, uma por uma, para vêr a que lhe serve no pé? Como é que eu devo ficar com o primeiro noivo que me fique ao alcance da mão?

Soltava uma gargalhada crystalina, e accentuava, beijando ruidosamente Dona Angela:

— Nada disso, mãesinha!

E numa reviravolta pelo meio da casa:

— Um marido é um par de botas... para toda a vida!...

José Fortunato

Suspeita

Elles não são casados, mas vivem como marido e mulher. Ha dias, porém, o rapaz desconfiou, e queixou-se a um amigo, advogado da casa de que elle é socio:

— Sabes de uma cousa? Eu acho que Fulana anda me enganando.

— Tens alguma prova? Alguma carta?

— Não.

— Alguem te disse alguma cousa?

— Nada.

— Então? De onde vem a tua suspeita?

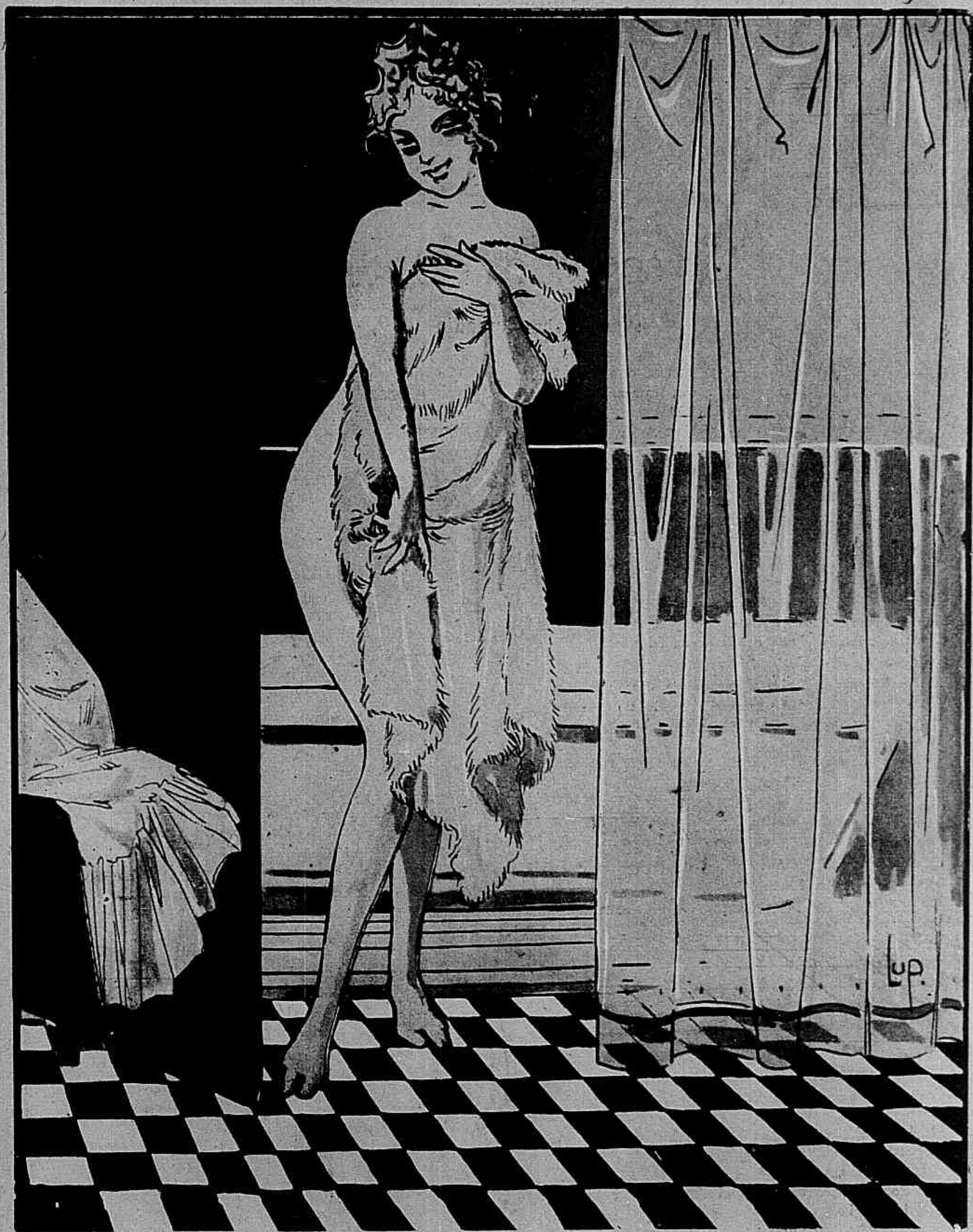
O jovem millionario baixou a cabeça, e confessou:

— Homem, é pelo seguinte: antes de sahir, ella está passando «rouge» no joelho, para ficar cor de rosa.

E olhando o advogado nos olhos:

— Tu não achas que ella vae tirar a meia por ahí?

INVERNO



"No ar socegado um sino canta.
Um sino canta no ar sombrio.
Pallida, Venus se levanta...
Que frio !..."

OLAVO BILAC.

EFFEITOS DO CAFÉ

A' mesa de jantar dos Brito Pinheiro, repleta de crystaes e porcellana carissima, sentavam-se, naquella noite, nove pessoas: o dono da casa e a esposa; o casal Botelho de Souza, o casal Jacintho Motta, o senador Eloy de Souza o dr. Avelino Barreto e a senhora, aos quaes era offerecido aquelle pequeno banquete.

O motivo da homenagem, ninguem o descobrira. Dona Esther, esposa do homenageado, era, sem duvida, uma das mulheres mais lindas da cidade. O marido, mais edoso dezeses annos, não se podia dizer que fosse, já, um velho. O certo, porém, é que o dr. Britto Pinheiro não tinha boa fama, passando, mesmo, por um dos maiores conquistadores entre os rapazes da sua geração.

A' sobremesa, o amphytrião levantara um brinde á prosperidade do dr. Avelino e á graça de Dona Esther. O engenheiro Jacintho Motta erguera a sua taça em honra do senador Eloy de Souza, que, por seu turno, saudára o dono da casa. Terminados os brindes, o dr. Pinheiro convidou:

— Vamos para o terraço, esperar o café.

A noite corria magnifica, deslumbrante de estrellas. Estas pareciam, mesmo, tão numerosas, e o céu tão alto, tão claro, tão sereno, que se tinha a impressão de um luar misterioso, descendo, de leve, sobre as aguas. O mar, em frente, rolava as ondas uma a uma como se o oceano tivesse prazer em gastar, em noite tão linda, os seus macios rolos de espuma.

No terraço, o pequeno grupo fez roda, nas cadeiras de vime. Suspensos do tecto, os «abat-jours», de côres variadas, emprestavam áquelle pedaço de paraíso as cambiantes de uma gruta fantastica, em que as luzes se multiplicassem, se misturassem, se combinassem, numa grande allegoria oriental. E foi ahi que appareceu o creado, um negro das Antilhas, emperdigado na sua casaca de peitilho reluzente, carregando nas mãos a grande salva de prata, pontilhada de pequeninas chicharas japonezas.

Pondo-se de pé, madame Britto Pinheiro começou a servir os seus convidados.

— Senador, uma chicharasinha de café! — offereceu, estendendo, nas pontas dos dedos finos, uma chavena paquena e fumegante.

Chegada a vez do dr. Avelino, a dona da casa encaminhou-se para elle:

— Doutor, um cafésinho...

— Não, senhora, muito obrigado, não posso...

— E' «moka», — insistiu madame Pinheiro. — Nós o mandamos vir de Londres, directamente.

— Não, senhora, muito obrigado... — tornou o dr. Avelino;

— eu, mesmo, não tomo café.

— E a senhora, madame? — tornou a dona da casa, passando adeante, estendendo a chichara á esposa do homenageado.

— Ella, tambem, não toma, não... — adeantou, protestando o marido de Dona Esther, — «Faz-me» muito mal.

A roda, quasi unanime, olhou o dr. Avelino. A observação de que a mulher não tomava café porque fazia mal a elle, Avelino, era curiosa, pittoresca, original. Elle esclareceu, porém, o ponto duvidoso:

— A Esther é muito sensível ao café, que a torna nervosa, agitada, enervada.

E accendendo um charuto, displicente:

— Quando ella toma café, «eu» não posso dormir...

Fantasio Junior

O bilhete

Madame Costa Cruz, aquella encantadora senhora de olhos escuros, tão conhecida pela sua pureza e pelo seu espirito caritativo, tomou a seu cargo a venda de uma centena de bilhetes da grande e excellente loteria de cinco mil contos, cuja procura tem sido enorme.

Ha dias, passava ella um dos bilhetes ao deputado Pereira Teixeira, quando este, com a jovialidade que lhe é peculiar, lhe dirigiu um gracejo. Madame corou, risonha.

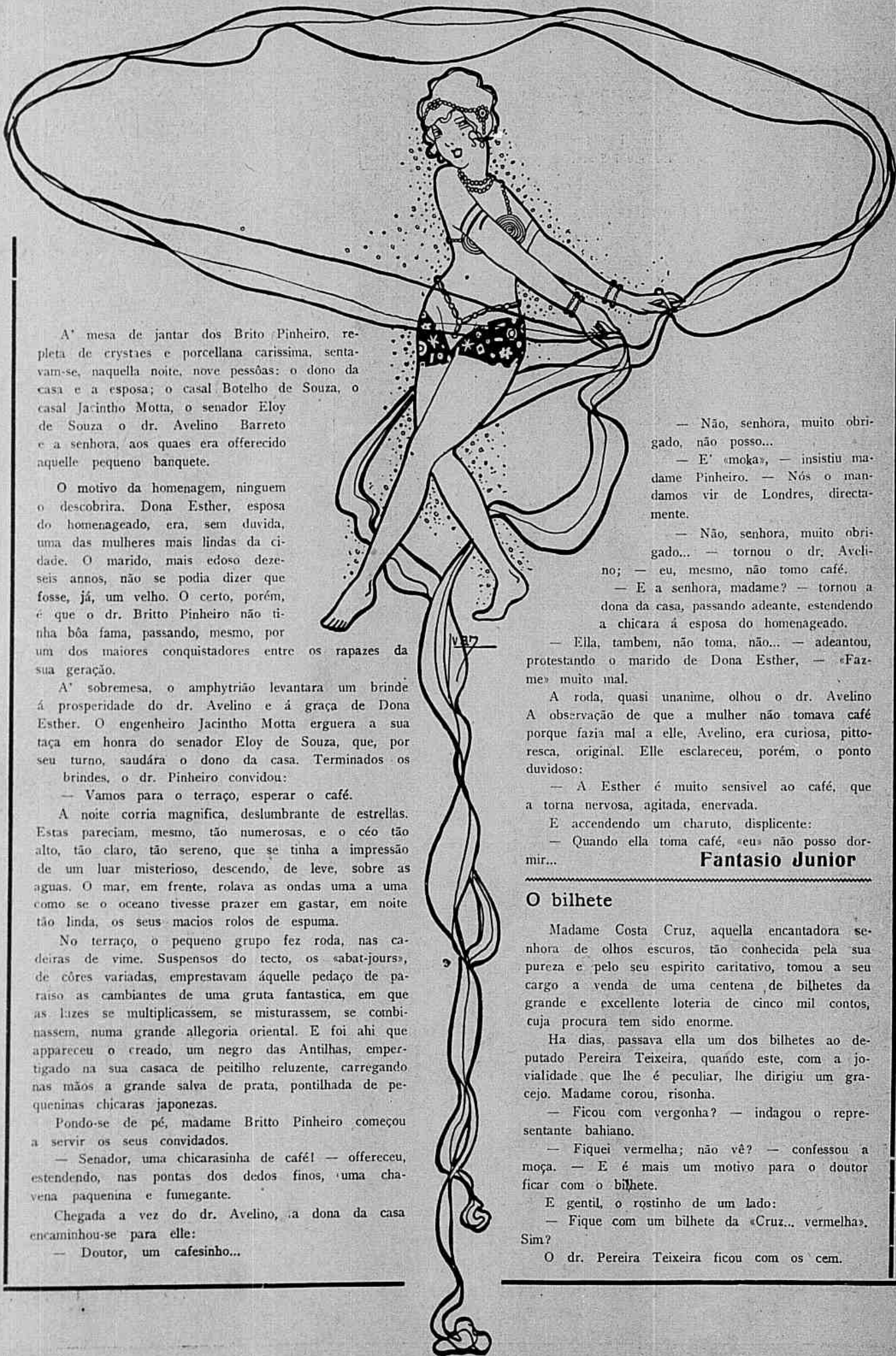
— Ficou com vergonha? — indagou o representante bahiano.

— Fiquei vermelha; não vê? — confessou a moça. — E é mais um motivo para o doutor ficar com o bilhete.

E gentil, o rostinho de um lado:

— Fique com um bilhete da «Cruz... vermelha». Sim?

O dr. Pereira Teixeira ficou com os cem.





PRECOCIDADE

(Scena familiar)



— "Que gracinha, meu Deus! Como se chama?"
 — "Hudinho". — «Huguinho? E seu papae?» — "Lenato".
 — "Mas, Renato de que?" — "Lenato Dama".
 — "Que lindo, dona Ignez! E é o seu retrato!"

Sorri o pae, mettido num pyjama;
 E o garotinho, que tem roto o fato,
 Olha a visita, aponta a blusa e exclama
 Que quem *loeu a loup* foi o lato.

E' uma flor, na verdade. A mãe, risonha,
 Abraça-o e beija-o enquanto o pae o instiga:
 — "Filhinho, onde nasceu?" — "Teno vegonha..."
 — "Então você não sabe..." — "Sabe, diga",
 Insiste dona Ignez: "Vamos, pamonha!"
 — "Mamãe, eu falo!" — "Fale — "Na baliga."

Octacilio Gomes

sei quando elle se porta bem fóra de casa... Elle tem uma defesa!... Nunca percebi nada... Não é possível que seja um santinho... Não é... Não pôde haver um homem que se porte direito... Não ha... Mas eu não sei o que elle faz... que não descubro nada... Nada... Nem um indício qualquer por mais vago que seja...

LA'SINHA — Commigo tambem acontecia o mesmo... Eu achava extraordinario o comportamento do Láláo e no entanto eu tinha razão para desconfiar que elle se portava mal fóra de casa...

JUDITH — (com malicia) Mal ou bem?...

LA'SINHA — Deixa de ser maliciosa... O facto é que eu cavaqueava e somente pela suspeita o castigava... Um dia... para não ter remorsos... resolvi estudar um meio de apurar a verdade...

JUDITH — Foste á cartomante?...

LA'SINHA — Qual cartomante... Tanto parafusei que descobri um processo de fiscalisação...

JUDITH — (com interesse) Qual é?...

LA'SINHA — Muito simples... Elle até fica encantado com a minha amabilidade... Todos os dias eu o ajudo a vestir-se... e como elle ao botar o suspen-

sorio dá sempre um geito e faz um puff com a camisa entre as espaduas, eu aliso... aliso... desmancho o puff e deixo a camisa bem estiradinha... Quando elle volta eu vou muito salicita ajudal-o a mudar o paletot e axamino-lhe as costas, para ver se elle está novamente de puff...

JUDITH — E isso tem acontecido muitas vezes?...

LA'SINHA — Ao começo... duas vezes por semana... mas eu fazia uma scena de tamanho desgosto e o castigava tanto... que elle foi diminuindo... diminuindo... e agora só volta de puff...

JUDITH — (rindo)... Nos dias de festa nacional!...

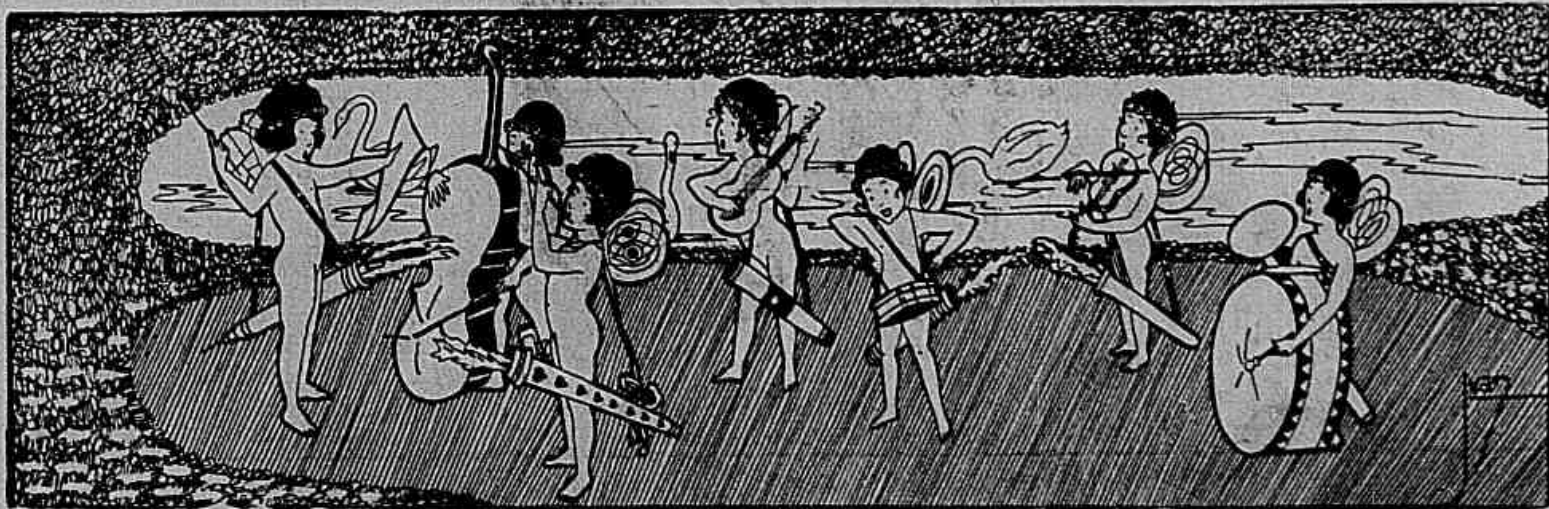
LA'SINHA — Mas ahí o rancho é melhorado... A racção é dobrada...

JUDITH — Eu não te imaginava com este talento...

LA'SINHA — Pois o processo é facil... Não te custará empregal-o...

JUDITH — Qual!... Para o Tátá não dá resultado... Elle já tem a mania de alisar a camisa, sosinho, quando se veste... Alem disso elle soffre de uma dyspepsia rebelde... não tem estomago para rancho melhorado...

Jan Richora





Theatro Boccacio

O segredo de Lásinha

Comedia

LA'SINHA — 30 annos, casada.

JUDITH — 35 annos, casada.

ACTO UNICO

Em casa de Lásinha — Gabinete. Na hora do chá.

SCENA UNICA

LA'SINHA E JUDITH

JUDITH — (folheando uma revista de modas) Os ultimos modelos... Velharias que voltam... Ha muita pobreza de imaginação... Cousas extravagantes... (mostrando um figurino) Olha este vestido de radinhas...

LA'SINHA — Isso deve ser para aprisionar qualquer cousa...

JUDITH — «L'oiseau bleu...»

LA'SINHA — E' bem a imaginação das modistas... Uma grade de ferro para o máo gosto... Não saem d'hai... E isso não é nada... E os preços?... Fantasticos... minha filha!... Com o Centenario só querem vender confecções trazidas da da Europa... Poupa-lhes o trabalho e

de teu marido... Fallo dos homens...em geral...

JUDITH — Fiz-me de boba... e fingi acreditar na admiração delle... Desde então resolvi a apurar a minha habilidade e fazer, eu mesma, os meus vestidos... Economiso o feitiço... e elle paga os preparos...

LA'SINHA — Saem barato?

JUDITH — Saem pelo dobro...

LA'SINHA — E elle não reclama contra a lista dos preparos?...

JUDITH — Eu sangro de vagar... aos pouquinhos... A minha costura em casa é uma especie de obtra do governo... Orçam em mil e acaba custando cinco mil... Não peço tudo de uma vez... Vae aos bocados... Primeiro a fazenda... depois os forros... depois as missangas... as rendas... as fitas... os botões, os cadarços... as pressões... depois... novos forros... mais fazenda porque a primeira não chegou... mais um forro para a fazenda que sobrou... Levo ás vezes dois mezes para fazer o vestido... mas isso tem a vantagem delle se esquecer da escripta... tenho

ainda o supplemento... os sapatos com o tom do vestido... As meias com o tom do sapato... O chapéo com o tom das meias... O collar fantasiz com o tom do chapéo... as luvas com o tom do collar...

LA'SINHA — Tens uma imaginação admiravel!...

JUDITH — Ainda não é tudo... Reclamo um dinheirinho por conta do meu trabalho... allegando o que elle economisou da modista...

LA'SINHA — Ainda?!

JUDITH — E, para aproveitar o bom exemplo, faço tambem as minhas economias...

LA'SINHA — Fa e tambem economias?... onde?...

JUDITH — No bolso delle... na hora do banho frio... Ah!... minha cara... homem com dinheiro no bolso é um perigo... Tem logo cócegas para gastar de qualquer maneira... Tirar-lhe o dinheiro é tor-nal-o virtuoso... E' obra de caridade... O diabo é que eu nunca

BRIGA DE CASAL



—A Sra. é uma trahidora!... Divorciemo-nos!

—Não sei porque me insulta. Ha trez annos que vivo com meu primo e durante esse tempo, nunca o enganei comigo!

despacham mais depressa a frequência... Pedem por um trapo qualquer seiscentos e oitocentos mil reis... com todo o «sans-çãon...» E temos de pagar... Se é tudo assim!... Tambem ellas facilitam... e a gente vae mandando botar na conta... Só tenho medo do dia em que o Lalão souber que eu já fiz uma nota de quasi tres contos...

JUDITH — Pois eu resisto... E' preciso a gente se defender contra a ganancia das modistas...

LA'SINHA — Resistes?... Como?!... Tu andas sempre tão chic!...

JUDITH — Quando eu fiz o meu primeiro vestido o Tátá alugou tanto a minha habilidade que cheguei a pensar no meu talento para modista... Depois... vim a saber que elle elogiava apenas a economia que eu tinha feito, cosendo em casa...

LA'SINHA — Ah! minha filha!... Elles são todos assim... Acima de tudo a economia é o manto criatorio da mesquinha... Não fallo isso

PANDIÁ CALOGERAS



O leitor não precisa ser muito arguto para adivinhar, por si mesmo, que o retrato de um ministro sae nesta pagina de theatro porque o gravador, occupadissimo com os aviadores portuguezes, não preparou a tempo o «cliché» da sra. Albertina Silva, do Augusto Campos, do João de Deus ou da sra. Apollonia Pinto. A Politica é, porém, um palco, e os politicos grandes artistas, que não fariam má figura no Republica, no Trianon, no Lyrico, no Rialto, no Iris, no S. Pedro, no Recreio e, mesmo, no Municipal.

O actual ministro da Guerra, principalmente, está sujeito a essa confusão. De origem grega, tem elle nas veias sangue de Eschylo, de Aristophanes, de Isocrates, de Euripides. E caso faltasse outro ponto de referencia, bastaria a circumstancia de ser S. Excia., na politica nacional, o homem que tem representado, até hoje, maior numero de papeis.

Filho de um antigo commerciante de Athenas, estabelecido no Rio com casa de pratos, copos e demais artigos de mesa, o jovem Pandiá foi, desde creança, uma verdadeira vocação militar. No estabelecimento do pae, elle era um legitimo macaco em loja de louça: quebrava tudo; e só não «quebrou» a casa commercial do velho porque este, prevendo o fracasso do negocio, liquidou a firma e transferiu-se para Minas, a crear bodes, que lhe pareciam, e com razão, mais obedientes do que o filho.

Em Ouro Preto, onde foi estudar engenharia, estabeleceu-se o moço Pandiá com consultorio medico, especializado em cirurgia. Multado pelo exercicio indevido da medicina, fechou a porta e abriu outra, adiante, com uma placa de advogado. O negocio não era, portanto, rendoso. E foi, quando elle, quasi engenheiro de verdade, travou conhecimento com o saudoso Carlos Peixoto, que lhe deu um conselho:

— Você, meu velho, não dá para a Medicina, nem para o Direito, nem para a Engenharia.

E batendo-lhe nas costas:

— Entre para a politica!

nheiro!

E justificou-se com todos os grandes jogadores que foram grandes homens, começando por Alexandre Magno e terminando pelo então senador Ferreira Chaves, actual ministro da Justiça.

O baralho não é, porém, por si mesmo, a tentação desse illustre as da politica nacional. Elle gosta das cartas, é verdade; mas não é pelo coringa, nem pelo valete, nem pelo sete de ouros: é, e ha de ser, sempre, por causa das damas...

Rodin

Na Camara dos Deputados, para onde veio pela mão daquelle amigo, Pandiá Calogeras especializou-se no estudo das nossas minas de ferro e ouro. Redigiu projectos sobre a materia, escreveu uma monographia em dois volumes, e o Congresso votou a lei. Mandada ao Executivo para ser regulamentada, não houve ministro que o conseguisse.

— São uns imbecis! — exclamou, uma vez, o representante mineiro, ante a incapacidade dos secretarios do governo. — Eu, no ministerio, poria tudo isto em pratica em menos de dez minutos.

Chamado para a pasta da Agricultura, tomou Pandiá Calogeras a sua lei, empunhou um lapis, trancou-se em um dos salões da Praia Vermelha, e passou dois dias, sosinho. Ao fim de cincoenta horas de agonia, sahio, a lei numa das mãos, o lapis na outra.

— Regulamentou a lei, doutor? — indagou um official de Gabinete.

E o ministro, desolado:

— Palavra d'honra: nem eu... entendo!

Esse primeiro successo mostrou que o antigo advogado-medico da Escola de Minas de Ouro Preto era homem para tudo. Nomeado interinamente para a pasta da Fazenda no governo Hermes, poz em pratica, na rua do Sacramento, tudo que havia lido, na Praia Vermelha, sobre a cultura da batata. E mal se habituara a ser financista, levaram-n'o para a Conferencia da Paz, em Paris, onde foi tomado como representante de Venizellos para defender os altos interesses da Grecia.

Conta o dr. Nabuco de Gouvêa que, por essa occasião, foi o dr. Calogeras vaiado quatro vezes, por causa dos seus bigodes. A delegação allemã, achando-o parecidissimo com o Kaiser, offereceu-lhe a corôa dos Hohenzollern. Elle recusou, porém, a prebenda, preferindo vir ser Kaiser no Brasil, onde o presidente eleito lhe accenava com a pasta da Guerra, que fôra, sempre, o seu maior sonho de estadista.

No seu novo posto, o antigo ministro das duas pastas tem prestado serviços relevantissimos á nação. Após a sua entrada para o ministerio da Guerra, tem o Exercito recebido uma infinidade de melhoramentos, entre os quaes a mudança de fardamento, a autorização para o uso da bengala aos officiaes, e, sobretudo, a substituição da folha de louro pela de acantho na gola de certos uniformes militares.

Pandiá Calogeras é, em summa, um grande nome nacional. Dentro de vinte annos, será presidente da Republica, — a não ser, está visto, que prefira ser Imperador, por uma portaria do seu punho, que o Exercito, immediatamente, fará cumprir no Campo de Sant'Anna...

João Kaetano



THEATRO... DA GUERRA



O PRIMEIRO TENOR

A ULTIMA ESPERANÇA

Os dois homens de prazer haviam sahido do Club antes de meia noite, e caminhavam, a pé, um ao lado do outro, pela rua pouco movimentada. Iam cabisbaixos, tristes, silenciosos. O primeiro a quebrar com o martello de uma palavra a lapide daquelles pensamentos soturnos foi o mais velho, o Berredo Santos, alto funcionario do governo:

— Nesse andar, meu velho, vamos mal. Não fazemos outra cousa senão perder.

— Se a sorte não mudar, — confirmou o outro, — batendo com a bengala no asphalto, — dentro de quinze dias estarei na miseria.

E com um suspiro do fundo da alma:

— Estou exausto!

Andaram mais alguns metros, em silencio, quando o mais jovem, o tenente Lauro Gordilho, — interrompeu a meditação do amigo:

— Tu, emfim, ainda tens uma esperança...

O companheiro olhou-o, interrogativo.

— Sim, — tornou o tenente; — tu, emfim, ainda és casado. E não ha homem casado, trahido pela mu-

lher, ao qual a sorte não ajude... Olha o Augusto Bennart; olha o João Felicio; olha o Montes Moreira; ganham brutalmente todas as noites, o meu dinheiro, o teu, o de toda a gente. E por que? Porque as mulheres, em casa, não fazem cerimonia: cada uma tem o seu namorado, na ausencia do marido...

Berredo Santos não dizia nada. A noite corria doce, estrellada, deliciosa. Uma brisa fresca, suave, soprava do mar, fazendo sussurrar as folhas do arvoredado da rua. Os dois noctivagos tomaram, a pé, a rua senador Dantas, a Evaristo da Veiga e, emfim, a Avenida, por deante do Municipal.

Silencioso, Berredo meditava. Quem sabe se não era um facto, mesmo, aquella superstição, da felicidade dos maridos enganados? E pensava na sua Heloisa, tão bonita, é certo, mas tão intransigente em materia de moralidade. — Ainda se ella tomasse um amante... — pensava, de si, consigo. Mas lembrava-se, ao mesmo tempo, do puritanismo da esposa, do horror com que ella encarava a infidelidade das outras.

Uma lembrança rebentou, de repente, no seu pensamento: explicar, elle mesmo, á mulher, a sua situação deploravel, e



CONSULTORIO DE

M^{ME} BENEDICTA

SENADOR MAURILIO DE LACERDA. — O seu projecto visando a estabilidade da ordem publica é o melhor que eu conheço. O melhor meio de impedir que os homens andem de revólver na rua, é, mesmo, prohibir o uso da calça, em cujo bolso elles trazem essa arma. Seria conveniente, entretanto, um additivo, prevendo o seu porte em outro qualquer bolso, no caso de lhes ser prohibido totalmente o uso do vestuario.

COMMANDANTE TANCREDO BURLAMAQUI. — Consultamos o sr. professor Austregésilo sobre os seus calculos no figado. Elle acha que essa molestia, no seu caso, demonstra, apenas, a sua vocação para a mathematica. Procure, entretanto, expellir as pedras. Caso se dê isso, telegrapheme, nos seguintes termos: — «Pedreiro livre»!

LEONCIA. — Quando Rousseau estava para morrer, os medicos applicaram-lhe um vomitivo, que elle devia expellir, todo. Tomado o remedio, o grande moralista deitou fora apenas a metade.

— E agora? — exclamaram os medicos, alarmados.

Rousseau percebeu-lhes a affeição, e gemeu, moribundo:

— Leiam-me... uma pagina... de Marivaux, e eu... vomitarei... o resto!

Eu não lhe digo o poeta que deve ler. Qualquer, porém, dos que me apontou, é excellente... para limpar o estomago.

MIGUEL. — Aqui vae o seu conto, com o respectivo desenho: «Era uma vez um portuguez que estava passeando, quando encontrou um caixote de bacalhão, do qual se desprendia um cheiro do saboroso peixe. O portuguez abriu



em um enorme pranto, quando veio um collega que perguntou porque elle chorava. Elle, então, exclamou: — Eu estou a lembrar-me da minha ama-

da Maria».

Diz o amigo que tem apenas doze annos. Foi o que o salvou, porque o Saccadura já esteve aqui, na redacção, pedindo o seu endereço.

A. N. R. — Ha uma opinião de Vautel sobre o assumpto. «Ignorar que se é enganado — diz elle — é possuir a mulher mais honesta do mundo». Que interesse têm, pois, o senhor em perder essa ventura, entrando em syndicancias que lh'a podem tirar?

BARNABE' VIANNA — Alguem disse, uma vez, que Adão foi o primeiro homem ridiculo, porque foi o primeiro que se casou. Mas, perguntava: — Elle não seria mais ridiculo ainda se se tivesse conservado solteiro?

E' uma questão, pois, de preferencia. Entre os dois ridiculos, escolha o senhor aquelle que lhe pareça menor.

Madame Benedicta





Aproveitem

a melhor occasião de fazer suas compras na CASA ESTRELLA; ella está fazendo enormes reduções nos preços de todo o esplendido "stock" de artigos para HOMENS, CAMA E MESA.

SÓMENTE este mez á

Casa Estrella

offerece esta grande oportunidade.

OUIDOR, 134



— HEBE —

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUIDOR, 55 — RIO

PILULAS DE CAFERANA
DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

• INTERMITTENTES •
• PALUSTRES • SEZÕES •
• NEURALGIAS •
• MALEITAS •

INSTITUTO LABORDA

BLENORRHAGIA

Os casos chronicos e recentes podem ser curados radicalmente em curto praso por methodo biologico

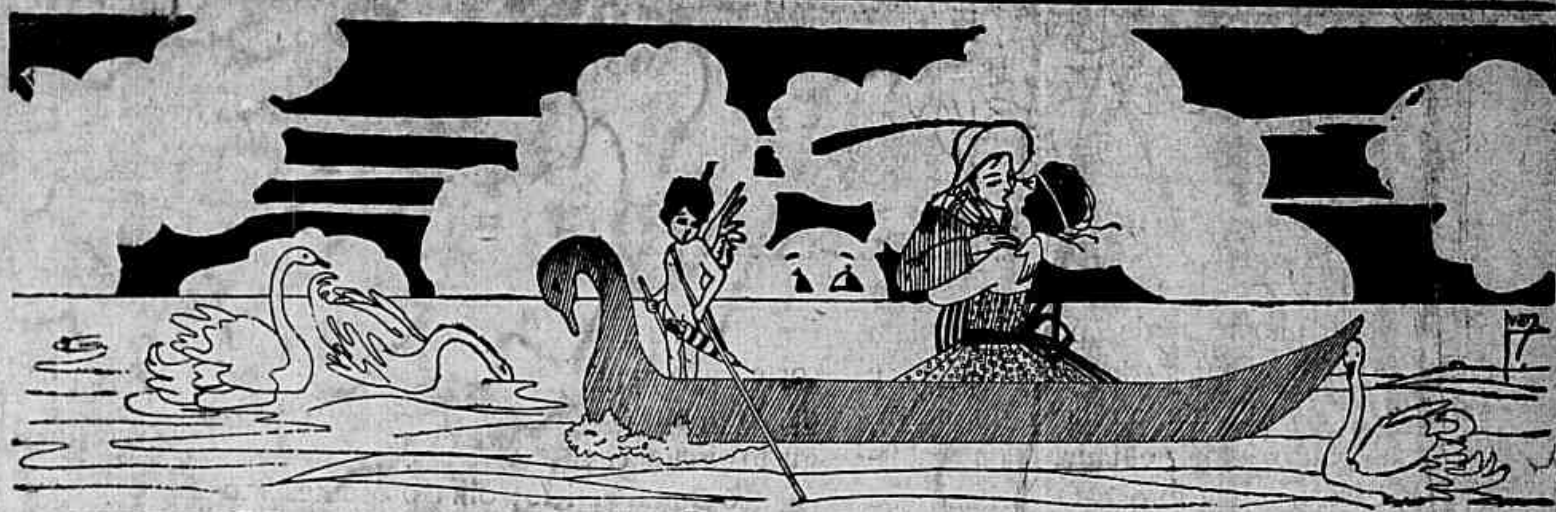
Director clinico:

Dr. J. FARIA

Consultas: das 8 1/2 ás 11 e das 13 ás 17 horas
HOMENS E SENHORAS

Rua S. José, 3-1º and. Tel. Central 5168

RIO DE JANEIRO



O CEGO E O PARALYTICO

Foi uma infelicidade para a família inteira, aquelle infortunio que assaltou o Praxedes, aos dezoito annos de idade: uma nuvem foi, aos poucos, lhe descendo sobre os olhos, até que o pobre rapaz se viu, na flor da idade, completamente cego.

Recolhido a uma casa de Saude, foi-lhe facil arranjar um amigo. A infelicidade é o verdadeiro esperanto da humanidade, e foi ella quem approximou do Praxedes o Antonio de Barros, que errava pelos salões do hospital, completamente paralytico, e apenas com o uso da lingua, sobre uma pequena cadeira de rodas.

Tornados intimos, o Praxedes, com o seu bom hu-

mor habitual, fazia o possivel para distrahir o companheiro. E um dia, propoz:

— Sabe de uma cousa, meu velho? Vamos casar?

— Com quem?

— Ora, com quem!... Com uma mulher, está bem visto.

— Com uma só... Então?

E alegre, com os seus olhos apagados:

— Você olha... e eu abraço!

Annos depois, ficaram bons, os dois. E fizeram o negocio...

Americo S.



pedir-lhe que o auxiliasse, que o ajudasse, chamando a sorte. Quem sabe se a esposa não se compadeceria d'elle?

Em frente á Galeria Cruzeiro olhou o relógio.

— Meia-noite! — disse, estendendo a mão ao amigo. — Vou para casa. Minha mulher vai ficar espantada, vendo-me entrar tão cedo...

A' rua da Assembléa tomou um bonde que o conduziu á Mariz e

Barros. Andou um quarteirão, e, ao metter a chave na porta, ouviu lá dentro, um reboliço. Precipitou-se e, no corredor, deu de peito com um sujeito que fugia, assustado, com o paletot e o collarinho da mão. A' claridade da lampada reconheceu-o. Era o Montes Moreira, seu companheiro de Club, em cujo nome tinham fallado, pouco antes.

Desnortado, Berredo Santos entrou no quarto da mulher, que encontrou em soluços, ajoelhada no tapete. Teve a idéa de matal-a. De repente, sorriu. Não seria a sorte que vinha ao seu encontro? Certo, o destino se compadecera d'elle, dando á esposa, no momento opportuno, aquillo que elle deze-

java, intimamente, que ella tivesse. No dia seguinte, elle ia, com certeza, recuperar tudo. E viu-se rico, prospero, invejado, ganhando dia e noite. Era aquella, sem duvida, a primeira falta da mulher. D'aquelle dia em deante, a sorte ia virar...

— Olhe, eu quero que você me seja franca. Falla-me a verdade, e eu lhe perdoarei.

Um soluço foi a resposta da moça. Berredo insistiu:

— Diga-me com franqueza: ha quantos annos o Montes Moreira é seu amante?

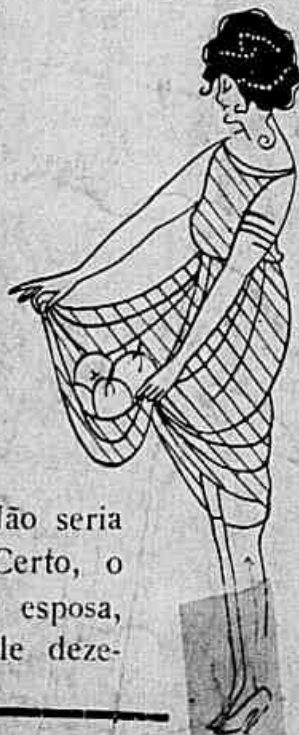
Certo, havia de ser da vespera. Pela sua infelicidade no jogo, Berredo não podia comprehender que fosse de outro modo. Convinha, porém, insistir pela confirmação, e elle insistiu:

— Ande, falle!

Heloisa sacudiu o corpo todo num soluço, e confessou num gemido de desespero, em que ia toda a sua alma:

— Ha... seis... annos!...

G. Guichet



Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

TOME

O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 crianças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR «914». 95 % dos abortos provém da Syphilis. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR «914» é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar da syphilis sem injeccões e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR «914». O ELIXIR 914» é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem iodureto. Agradavel como um licor. Vehiculo 240,0 3 colheres por dia.

Depositarios: GALVÃO & C.

AVENIDA SÃO JOÃO, 145

São Paulo

Não ha mais mortes

Em consecuencia de hemorragias nos partos tomando a

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar á luz. Evita as dores dos partos, as hemorragias antes e *post-partum*. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflamações dos ovarios, Suspensão das Regras e todos os males que átaçam a mulher. A "FLUXO-SEDATINA" é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brazil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras.

◀▶ **Em todas as Pharmacias e Drogarias** ▶◀

Depositarios: GALVÃO & C.

Avenida São João, 145

São Paulo

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500
atrazado \$600

Porte simples

Anno 10\$000
Semestre 10\$000

Exterior:

Registrado

Anno 60\$000
Semestre 35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas cores....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " " " ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.

Telephone N. 4594

GUARANIT

TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal.
Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphatos, nóz vomica, etc.

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTREIRAS?...

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS

S. FARIAS & CIA

RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS

DROG. RIBEIRO MENEZES & CIA

Rua Urugayana, 91

DROG. BAPTISTA

Rua dos Ourives, 30



Conheço um condemnado
Que ao sahir das galés
Foi logo beber Whisk
De Watson, Numero Dêz.

O Whisk sem dor de cabeça.

A' venda nos restaurants e hoteis de 1a. ordem.

Alguns preços dos Saldos DA

CASA YORK

Gravatas de seda.....	1\$800
Gravatas de tricot, seda.....	1\$900
Meia de seda para homem..	3\$800
Pyjamas.....	7\$800
Camisas de zephir.....	4\$800
Roupões para banho.....	19\$800

22 - 26, ASSEMBLÉA

Esquina da Rua do Carmo

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopio, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2ª edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumerables gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2ª edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um sabido criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, pretaio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patriarcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feliceiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Allados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El gante Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1ª parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2ª ensina a maneira pratica de ler a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decabida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2ª edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfile de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, pretaio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38